

## **Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia, Palestra 11**

### **Profetas e o culto, os profetas eram escritores?**

Revisão: Eram os profetas escritores?

b. A Escola Crítica Literária Continua No folheto sobre a composição de livros proféticos perguntando: “Os profetas eram escritores?” examinamos a visão tradicional de que os profetas eram escritores. Começamos com b., “A Escola Crítica Literária”, que também veria os profetas como escritores, mas depois tentaria separar nos livros proféticos o que era autêntico, o que vinha da mão do profeta cujo nome é dado ao livro, e para separar isso de adições posteriores. Mencionei da última vez que os dois livros mais frequentemente focados no que diz respeito à erudição crítica são Isaías e Daniel. Acho que parte do motivo da atenção dada a Isaías e Daniel são as notáveis previsões de longo prazo encontradas na segunda parte de Isaías, bem como a multidão de visões de Daniel. Aqueles que têm um tipo de mentalidade histórico-crítica com uma cosmovisão iluminista que não aceita a existência da intervenção sobrenatural e divina nos assuntos humanos e certamente não vê a revelação divina da forma como a Bíblia a representa. Eles têm um problema, com uma referência a Ciro, por exemplo, na segunda parte de Isaías, que viveu muito depois do profeta Isaías, ou as previsões de longo prazo que você tem no livro de Daniel, bem como as profecias de longo prazo de Daniel com relação ao material escatológico específico da época de Antíoco Epifânio, que viveu no século II aC Como Daniel poderia saber disso? Assim, foi tirada a conclusão de que a segunda parte de Isaías não foi escrita pelo mesmo escritor da primeira parte de Isaías e que o livro de Daniel foi escrito posteriormente e não pelo profeta original Daniel.

#### 1. Isaías 40-66 Continuação

b. “Existem diferenças de linguagem e estilo nas duas partes do livro.”

Começamos a examinar alguns dos argumentos que as pessoas desse ponto de vista usam para afirmar que Isaías 40 não é de Isaías. Nesse folheto no final da primeira página, resumi três argumentos. Primeiro, “Os conceitos e ideias em Isaías 40-66 são

diferentes dos conceitos e ideias da primeira parte do livro (1-39)”. Em segundo lugar, “há diferenças de linguagem e estilo nas duas partes do livro”. Em terceiro lugar, “há diferenças nos antecedentes históricos e nos fatos”. Tínhamos trabalhado com as respostas nos argumentos para o primeiro de que os conceitos e ideias em Isaías 40-66 diferem dos conceitos nas seções incontestáveis da primeira seção do livro. Acho que não fizemos muito com o segundo argumento que está na página três, ou seja, o argumento derivado da diferença de linguagem e de estilo. Eu acho que é um argumento mais importante do que o primeiro, porque o primeiro argumento envolve o julgamento subjetivo de quão diferente o conceito e as ideias precisam ser para exigir um autor diferente. Como mencionei, não vejo razão pela qual Deus não poderia ter revelado material sobre o tema do servo do Senhor a Isaías na parte final de seu ministério muito longo, e não no início. É um conceito novo, mas que não requer necessariamente um novo autor.

Quando você chega à linguagem e ao estilo, o argumento é mais importante. Driver lista muitas palavras que ocorrem em 40-66, mas não em 1-39, ou palavras que ocorrem frequentemente em 40-66, mas raramente em 1-39. Então, dessa perspectiva particular, você começa a olhar para o uso das palavras e vê a diferença. Em resposta, pode-se dizer que não deve ser surpreendente que você encontre palavras ou expressões diferentes na segunda parte do livro em comparação com a primeira porque há uma diferença de assunto. Se você tiver uma diferença de assunto, esperaria uma diferença no uso das palavras. Portanto, também não acho que esse argumento seja convincente.

O argumento mais forte do estilo é que certas esquisitices linguísticas que acompanham o tempo posterior são encontradas em Isaías 40-66. Driver argumenta isso na página 240 em sua *Introdução ao Antigo Testamento*. Examinar isso em detalhes exigiria uma quantidade enorme de tempo, então não quero gastar muito tempo com isso, mas deixe-me dar alguns exemplos. No trabalho de Aalders sobre *An Introdução ao Antigo Testamento* em que ele discute os argumentos de Driver e outros, ele observa que um argumento estilístico que eles fazem é a preferência no segundo Isaías pelo primeiro singular ' *ani* em vez de ' *anoki*, como você sabe que ambos são pronomes de primeira

peessoa. Diz-se que isso indica, então, o uso linguístico em um momento posterior. Em Isaías 40-66 '*ani* ocorre 79 vezes '*anoki* ocorre 29 vezes. Então, sim, há uma preferência por '*ani* em Isaías 40-66. Mas então o que Aalders aponta se você olhar para Ageu e Zacarias, que são claramente pós-exílicos no que diz respeito a Ageu, '*anoki* não ocorre de forma alguma; '*ani* é 5 vezes e '*anoki* 0 vezes. Em Zacarias '*ani* ocorre 9 vezes e '*anoki* 0 vezes. Se você voltar a Ezequiel - um pouco antes de Ageu e Zacarias - você encontrará '*ani* 162 vezes e '*anoki* 1 vez. Há uma ocorrência lá. O que Aalders observa é que a tendência de não usar '*anoki* na época de Isaías 40-66 não progrediu até a época de Ezequiel. Isso tende a dizer que Isaías é anterior a Ezequiel. Em outras palavras, que a segunda parte de Isaías tem um padrão de uso que não se encaixa nos tempos pós-exílicos. Então Isaías deve ser anterior a Ezequiel. Então você pode olhar para algumas dessas coisas de uso linguístico e levantar questões sobre elas.

Eu acho que do outro lado da moeda, que está na página 4, você também pode encontrar pontos de acordos linguísticos sobre o que você pode chamar de esquisitices lingüísticas no livro entre as duas seções. Por exemplo, a expressão frequente usada pelos profetas, “Assim diz o Senhor”, tem uma variante em Isaías e essa variante ocorre apenas em Isaías. Essa variante substitui o perfeito “ '*amar* ” pelo imperfeito “ '*yomer* ” indicando assim ação durativa, “assim diz o Senhor”. Essa variante é exclusiva de Isaías. É usado em 1-39, bem como em 40-66 em referências variantes, e há mais referências que se expandem para todo o livro. Portanto, o fato de que essa expressão é comum em todos os profetas, mas ocorre em uma variante em Isaías e a variante ocorre em ambas as seções de Isaías certamente é um indicador da unidade de autoria em vez de vários autores.

1) Rachel Margalioth Refutando o Argumento do Estilo em Isaías Agora eu dou aquelas duas ilustrações do uso de '*anoki* e do imperfeito de '*yomer* porque quando você entra nessa forma de uso linguístico, ela pode ficar muito complicada muito rapidamente. Eu acho que se você estiver interessado nisso e dedicar tempo para fazê-lo e olhar para alguma literatura que o discute, você descobrirá que os argumentos vão para os dois lados. Não é tão claro quanto parece. Linguagem e estilos são diferentes na primeira parte

do livro e na segunda parte do livro. Há um estudo feito por uma mulher chamada Rachel Margalioth chamado *The Indivisible Isaiah*. Está esgotado, mas é um volume muito útil. Ela defende efetivamente a unidade do livro com base no acordo de linguagem e estilo. Em outras palavras, o argumento é invertido. Se você olhar suas citações na página 14, vá até o meio da página naquele grande parágrafo que começa no meio da página 14. Margalioth diz: “Kraus enumera dezoito palavras e expressões 'peculiares' para Isaías 'o segundo'. Vários deles, como ele admite, podem ser encontrados também em Isaías 'o primeiro', mas em capítulos que Kraus atribui a Isaías 'o segundo'”. impor no texto não se encaixa nessa seção do Isaías. “Mas mesmo que tais expressões fossem encontradas em número muito maior, que prova pode ser deduzida disso? Palavras ou expressões especiais em ou em outro capítulo provam alguma coisa? Esse fato justifica a separação deste capítulo ou de qualquer outro do corpo do livro? Nos profetas, não é incomum que uma ou mais palavras apareçam várias vezes em certos capítulos, embora não sejam encontradas nem uma vez nos capítulos anteriores. Considere a expressão “a vingança do Senhor”, que aparece várias vezes em Jeremias 50 e 51, mas não é encontrada novamente em todo o livro. Isso é motivo suficiente para separar esses dois capítulos do livro?” O que ela está dizendo é apenas porque você tem duas palavras que aparecem lá e não ocorrem em nenhum outro lugar, isso lhe dá uma razão para questionar se Jeremias escreveu esses dois capítulos?

“Ou ainda a expressão 'morto pela espada' é encontrada nada menos que dez vezes em Ezequiel 31 e 32, mas não aparece nem uma vez nos capítulos anteriores. Ezequiel 31 inicia um segundo Ezequiel? Em todo livro profético é possível apontar numerosas palavras, frases, expressões que aparecem várias vezes em um só capítulo ou em um grupo de capítulos e não em outra parte do livro. Resta-nos concluir, então, que tais palavras e frases são favorecidas em termos de contexto.”

2) Os Argumentos de Margalioth para a Unidade de Isaías      Veja bem, se você tiver uma linguagem diferente, ela pode estar mais conectada a qualquer tópico da discussão ou à mensagem específica que o profeta está dando nesses capítulos específicos . “No que

diz respeito aos argumentos de que as duas seções do livro de Isaías diferem em linguagem e estilo, o que ocorre a Ben Zeev é algo que não pode ser provado pelo exemplo, demonstraremos neste livro, por centenas de exemplos, que o oposto é verdadeiro. As duas seções não são apenas semelhantes em linguagem e estilo, mas são notáveis por sua unidade, pois as semelhanças entre elas não podem ser atribuídas a qualquer influência... O sistema aqui vai demonstrar a unidade de ambas as partes”, e isso O próximo parágrafo está naquele folheto na página 4, onde Margalioth descreve os sistemas que ela usa: “Depois de classificar o livro de Isaías por assunto, mostramos que em relação a cada assunto, ambas as partes empregam inúmeras expressões semelhantes que são peculiares apenas a este livro. Também ficou provado que as expressões específicas revelam o mesmo vigor em ambas as partes, bem como o mesmo uso. Mesmo as expressões comuns se distinguem por um uso particular idêntico em ambas. A segunda seção inverte as palavras da primeira. Você encontrará na página 4 e na página 5 e na página 6 os assuntos que ela usa para classificar o livro de Isaías por conteúdo de assunto.

Não vou ler todo esse material, mas vamos ver apenas algumas de suas classificações de assuntos. Número 1., “Designações de Deus” e o que ela lista são títulos divinos usados exclusivamente em Isaías encontrados em comum em ambas as partes. Em outras palavras, designações para Deus não encontradas em nenhum outro lugar – “o Santo de Israel”, por exemplo, é encontrada em ambas as partes do livro. Ou “Designações dos Povos de Israel”, existem onze epítetos específicos sobre o povo judeu que são encontrados nas duas seções. Veja o número 9 “Palavras de Admoestação”; vinte e uma diferentes formulações de repreensão peculiares a Isaías e comuns a ambas as partes. Número 10, “Palavras de Castigo”; vinte e nove palavras descrições específicas de degradação, idênticas em estilo em ambas as seções de Isaías. Portanto, existem quinze tópicos como esse expressos em ambas as partes do livro de Isaías e, em muitos casos, são exclusivos do livro de Isaías. Então eu acho que Margalioth pegou esse argumento de estilo e linguagem e fez um bom argumento para a unidade do livro e um único autor. Voltaremos a isso em alguns minutos.

### 3) Unidade Redacional

Por muito tempo, esses argumentos críticos dominaram o campo e convenceram a maioria dos estudiosos da Bíblia de que havia vários autores no livro de Isaías e o basearam nos tipos de argumentos de Driver e outros. Esses argumentos, como os de Margalioth para a unidade de linguagem e estilo em ambas as partes do livro, agora são aceitos até mesmo por estudiosos críticos. Mas isso não os leva à conclusão de que Isaías foi o autor do livro. Eles falarão agora de uma unidade redacional. Em outras palavras, esses outros escritores imitaram o estilo de Isaías, de modo que você obtém uma unidade composicional, mas não um único autor. Eu disse que voltaria a isso mais tarde. Mas em resposta a este argumento que Margalioth fez e outros, olhe no meio da página seis.

4) Mark Rooker Para uma discussão mais recente sobre o uso linguístico e o tema de Isaías, veja Mark Rooker, “Dating Isaiah 40-66: What does the linguistic Evidence say?” Isso foi no Westminster Theological Journal vol. 58 em 1996 - um artigo muito útil se você estiver interessado nesse tipo de coisa. Neste artigo, Rooker dá vários exemplos de como o uso linguístico em Ezequiel e no hebraico pós-exílico reflete consistentemente características lingüísticas posteriores àquelas que encontramos em Isaías 40-66. Mais uma vez, fica um pouco técnico, mas ele apresenta um caso muito bom e fornece ilustrações muito convincentes. Sua conclusão é que se “os estudiosos críticos continuam a insistir que Isaías deve ser datado no exílio ou no período pós-exílico, eles devem fazê-lo em face da evidência contrária da análise diacrônica”, ou seja, análise que usa a história do desenvolvimento da língua hebraica e uso linguístico através do tempo.

Minha conclusão para o argumento da linguagem e do estilo é que ele não pode fornecer a prova final para nenhuma dessas posições, embora os estudos diacrônicos forneçam o argumento mais forte em favor da autenticidade e da unidade. De qualquer forma, é certamente verdade que a consideração de linguagem e estilo não requer dois ou mais autores em Isaías – este é o meu ponto.

5) Análise computacional de dados linguísticos Agora, uma outra questão que às vezes

entra nesta discussão em particular é a análise computacional do uso linguístico que está começando a aparecer em estudos bíblicos . Se você olhar para a página 15 de sua citação no comentário NICOT de John Oswalt sobre o livro de Isaías, onde ele está discutindo esta questão. Ele diz: “A coisa mais próxima de uma prova objetiva de falta de unidade na composição aparece na impressionante investigação de Y. Radday, *The Unity of Isaiah in Light of Statistical Linguistics* . Radday fez um estudo computadorizado de numerosas características lingüísticas do livro de Isaías e as comparou nas várias seções do livro. Como controle, ele estudou outras peças de literatura, tanto bíblicas quanto extrabíblicas, que se dizia terem vindo de um autor. Como resultado dessas pesquisas, ele concluiu que as variações lingüísticas eram tão severas que um autor não poderia ter produzido todo o livro de Isaías. Como seria de esperar, essas conclusões foram recebidas com aprovação por estudiosos críticos que viram sua posição como justificada...

Várias questões podem ser levantadas pela metodologia de Radday. A própria infância do campo da linguística estatística levanta algumas questões.” Aqui está um ponto bastante importante. “Ainda sabemos o suficiente para falar com confiança sobre os possíveis limites de variação no uso de uma determinada pessoa?” Se você olhar para uma vida de sessenta anos, quanto o uso linguístico de uma pessoa muda ao longo do tempo? “Nada disso é para questionar a integridade com a qual o estudo de Radday foi realizado e realizado, mas é para apontar que a evidência ainda não é tão objetiva quanto um manuscrito no qual os capítulos 1-39 apareceriam.

Agora há duas notas de rodapé. Você percebe que logo após aquela pergunta sobre os “limites de variação no uso linguístico de uma pessoa”, há uma nota de rodapé de número 5. Cinco segue aqui, “Observe que outro tipo de estudo computadorizado das características do livro levou à conclusão de que é uma composição unitária”. Em outras palavras, a análise computacional e as conclusões dela tiradas são divergentes. Um estudo de R. Posner concluiu que a composição não é uma unidade, mas seus resultados apontaram para divisões do livro diferentes das de Radday. Agora você vê que existem vários resultados de qualquer tipo de análise de computador, dependendo de como você configura o programa para fazer a análise – há muitos fatores aí.

A outra nota de rodapé é interessante. Número seis: “É irônico que aqueles que elogiaram a confiabilidade da metodologia de Radday aplicada a Isaías estivessem muito menos convencidos de sua confiabilidade quando ele relatou recentemente que a mesma metodologia estabeleceu a unidade de Gênesis”. Portanto, esse argumento para teorias críticas funciona nos dois sentidos. De um jeito com Gênesis, de outro jeito com Isaías. Sem dúvida, a próxima década terá muito mais uso da análise computadorizada dos escritos bíblicos com as conclusões tiradas. Será interessante ver como ele se desenvolve, mas neste ponto nem isso é algo com o qual conclusões conclusivas possam ser tiradas. Não acho que argumentos baseados em linguagem e estilo sejam conclusivos de qualquer maneira. Mas acho que o que você pode dizer é que os argumentos dizem que você não pode *negar conclusivamente* que Isaías poderia ter sido responsável pela segunda parte do livro.

### 3. O argumento do contexto histórico

O terceiro argumento é: “O argumento do contexto histórico”. É provavelmente o argumento mais importante. Acho inegável que os capítulos 40-66 refletem um contexto histórico diferente do 1-39. Na primeira parte de Isaías há muita repreensão ao povo de Israel e a predição de que Deus enviará a nação ao exílio por causa de seus pecados. Quando chegamos na segunda parte do livro você não encontra esse tipo de material. A suposição é que eles já estão no exílio e que o julgamento já aconteceu. A ênfase na segunda parte do livro é a promessa de Deus de que eles serão libertados de seu cativeiro. Na primeira parte do livro você tem muitas referências aos assírios. Eles eram um grande inimigo de Israel nessa época. Acáz morreu. Mas na segunda parte do livro não são os assírios em vista, mas os babilônios e a ascensão de Ciro, o persa. Claro, Cyrus é mencionado pelo nome. As pessoas da segunda parte do livro estão escravizadas pelos babilônios, mas serão libertas. Portanto, há uma clara diferença histórica no ponto de vista histórico entre o primeiro e o segundo livros.

a. Explicações      Agora , dado que isso está em disputa, você pode explicá-lo de duas

maneiras. O caminho que a crítica sugere é que a segunda parte do livro é escrita por um autor diferente, que viveu depois do exílio que já havia começado e estava prestes a terminar. Israel estava prestes a ser libertado para retornar à sua terra natal. A segunda maneira de explicar isso é que Isaías escreveu as duas partes do livro, mas na segunda parte do livro seu propósito era dar conforto a Israel depois que Israel foi para o exílio com a declaração de que Deus os libertaria.

Se você acredita que Isaías foi o autor, então você deve responder à pergunta encontrada com frequência na literatura: Existe alguma razão para que Isaías escrevesse algo que se referisse a uma situação mais de um século depois de sua época?

3. Segundo Isaías Divergente Historicamente Alguns dizem: “Não, isso não faz o menor sentido”. Eles usam isso para argumentar que outra pessoa escreveu a segunda parte do livro. Veja a página 16 de suas citações de Whybray's *Libraries Old Testament Guide to Isaías* parágrafo b, onde ele diz: “É claramente endereçado a um grupo de pessoas que foram exiladas de sua terra natal por um poder conquistador, que também é referido por nome: Babilônia. Em quatro passagens a Babilônia é mencionada nominalmente nestes termos e esta situação histórica é confirmada em numerosas outras passagens. Os capítulos 40-55 então não teriam sentido no século VIII, quando o povo de Jerusalém e Judá ainda vivia em casa sob o governo de seus próprios reis; quando a Babilônia, longe de ser uma grande potência, era - e permaneceu até a queda da Assíria no final do século VII aC, muito depois da morte de Isaías - apenas uma das cidades do Império Assírio; [Babilônia fazia parte do Império Assírio na época do profeta Isaías.] e quando Ciro ainda não havia nascido e o império persa ainda não existia.” Esse é o argumento de fundo histórico. “Por outro lado, tudo nesses capítulos faz sentido como a mensagem de um profeta do século VI aos judeus exilados na Babilônia. Em outras palavras, o argumento é que se Isaías tivesse escrito isso, não teria sentido para as pessoas de seu tempo que viviam em circunstâncias totalmente diferentes. Qual teria sido o ponto? Então você faz a pergunta: Existe alguma relevância para Isaías 40-66 para os contemporâneos de Isaías? Vá para a página 13 de suas citações a Hobart Freeman, que

discute isso em sua *Introdução aos Profetas do Antigo Testamento*. Seu comentário é: “Nem toda profecia precisa ser atribuída a uma situação histórica contemporânea definida, nem diretamente aplicável à geração a quem é falada. Não se pode sustentar, como afirma Driver, que 'o profeta sempre fala, em primeira instância, a seus próprios contemporâneos: a mensagem que ele traz está intimamente relacionada com as circunstâncias de seu tempo: suas promessas e previsões... são então sentidos.'”

b. Problemas com essa Visão – Necessidade de Palavras de Conforto      Contradições  
óbvias a este conceito de profecia são Zacarias 9-14, que é futuro, Daniel 11-12 é obviamente futuro, e Isaías 24-27 na primeira parte de Isaías, que muitas vezes é chamado de “Pequeno Apocalipse”. Lá Isaías fala sobre o dia do Senhor e o fim dos tempos. Isso não é para ignorar, é claro, uma relação geral da profecia com a situação histórica, que ambos registram a declaração profética. Assim, a resposta de Freeman é que nem toda profecia deve ser diretamente aplicável à geração a quem é falada. Na maioria das vezes é, mas também há momentos em que esse tipo escatológico de profecia vem, o que obviamente é falado para abordar uma situação que acontecerá muito depois que todos a quem o profeta falou já tiverem ido embora.

Meu comentário aqui é voltar à página 7 do folheto enquanto Freeman está correto no que diz, parece-me que os capítulos 40-66 têm um propósito em relação ao povo da época de Isaías. Os primeiros capítulos do livro de Isaías tinham dois objetivos: declarar à nação seu pecado e a necessidade de se arrepender; então, em segundo lugar, ele disse a eles que Deus os puniria enviando-os para o exílio. Todas essas ênfases são muito claras na primeira parte do livro. Houve alguns que ouviram e apoiaram Isaías, embora em geral sua mensagem não tenha sido bem recebida. Ele havia sido informado de que, no momento de seu chamado, conforme registrado em Isaías 6, sua mensagem cairia em ouvidos surdos. Acho que cada vez mais ficava claro que as pessoas estavam se afastando de Deus. A profecia de Isaías 6:9-10 estava sendo cumprida e estava claro que o exílio predito em 6:11-12 inevitavelmente se seguiria.

Após a morte de Ezequias, seu filho, Manassés tornou-se rei. Sob o governo de

Manassés, a nação caiu em terrível apostasia. 2 Reis 21 descreve o mal da época de Manassés, o mais perverso dos reis do reino do sul. De acordo com a tradição judaica, Isaías foi serrado durante o reinado de Manassés. Há uma declaração no décimo primeiro capítulo de Hebreus sobre ser serrado em pedaços e alguns pensam que é uma alusão a Isaías que estava fugindo dos agentes de Manassés em um oco de uma árvore. A árvore foi cortada e, conseqüentemente, ele foi serrado em pedaços. Agora pode ser apócrifo, mas é claro que Isaías ainda viveu no tempo de Manassés, embora, se você olhar no cabeçalho do livro, diga em Isaías 1:1: “A visão de Isaías durante o reinado de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias”. Não menciona Manassés.

Mas se você olhar para Isaías 37:38 em uma dessas narrativas históricas, você lê: “Um dia, enquanto ele estava adorando no templo de seu deus Nisrok. [Este é Senaqueribe, o rei assírio], seus filhos Adrammelek e Sharezer o mataram com a espada, e eles escaparam para a terra de Ararat. E Esarhaddon, seu filho, o sucedeu como rei.” Esarhaddon começou a reinar em 681 aC Manassés começou a reinar em 687 aC Assim, em 681, Manassés já estava no trono. Portanto, parece claro que o ministério de Isaías se estendeu até o período de Manassés. Agora, por que Manassés não foi mencionado no cabeçalho? Alguns pensam que Isaías mudou de um ministério público para um tipo de ministério mais privado com um remanescente mais piedoso de Israel durante o tempo de Manassés, quando tudo estava tão ruim e que a segunda parte do livro vem desse período.

Mas voltando ao nosso folheto aqui, quando Manassés se tornou rei, Judá se afastou do Senhor. Assim, após a morte do bom rei Ezequias, deve ter ficado claro para Isaías que a nação como um todo não iria se arrepender. O exílio era inevitável. Isso teria sido óbvio também para o verdadeiro povo de Deus, o remanescente piedoso, e nessas circunstâncias não haveria mais necessidade de continuar a trazer esta mensagem de repreensão e condenação. Havia uma nova necessidade. A nova necessidade era trazer palavras de conforto e esperança para o verdadeiro povo de Deus, aqueles que estavam seguindo Isaías, aquela pequena minoria de pessoas que eram verdadeiros seguidores de Deus. Como aquelas pessoas viram que o julgamento e o exílio estavam chegando e eram inevitáveis, assim como Isaías, parece-me que há relevância para uma mensagem de

conforto e esperança . Sim, você irá para o exílio, mas o exílio não será para sempre. Você será capaz de retornar. Portanto, uma mensagem de que Deus iria entregar seu povo seria um conforto para o verdadeiro povo de Deus ainda na época de Isaías, bem como um conforto para aquelas pessoas que mais tarde experimentaríamos aquele exílio e saberiam que Deus não os havia abandonado. .

Posso dizer que o Reino do Norte foi para o exílio nas mãos dos assírios durante a vida de Isaías. O reinado de Uzias foi de 729 a 715. O reino do norte caiu em 721 para os assírios, de modo que foi durante a vida de Isaías. Então o povo de Judá soube de um exílio. Eles sabiam que o mesmo julgamento havia sido pronunciado sobre eles. É interessante que nos anais de Senaqueribe ele afirma não apenas ter levado pessoas para o exílio do reino do norte, mas também ter levado cativos da terra de Judá. Portanto, houve até pessoas de Judá, se você aceitar os anais de Senaqueribe, que foram para o exílio durante a vida de Isaías. Então eu acho que a mensagem tem relevância para aquela época. O exílio não é o fim. Deus ainda está com seu povo. Ainda há um futuro pela frente. Eles retornarão do exílio. Vá para o início da página nove: Assim, embora admita que o pano de fundo histórico de Isaías 40-66 é aquele de pessoas já no exílio, com sua cidade destruída e o templo em ruínas, não vejo nenhuma razão para que a passagem pode não ter sido escrito por Isaías um século antes do exílio na Babilônia. Não há razão para que não seja significativo para seus contemporâneos.

c. Conclusão resumida      Então, acho que esses são os três principais argumentos para concluir que a segunda parte de Isaías não foi escrita pelo profeta Isaías. A diferença de conceitos e ideias, a diferença de linguagem e estilo, ou a diferença de fundo histórico - não acho que nenhum desses argumentos seja conclusivo de que deve haver um segundo Isaías para escrever os capítulos 40-66. Portanto, esses argumentos primários falham em provar a multiplicidade de autoria.

d) Alguns Argumentos Finais para a Unidade de Isaías – citações do NT      Acho que, ao contrário, existem algumas fortes razões para manter a autoria de Isaías . Primeiro, não há

nenhuma evidência manuscrita de que o livro tenha existido em qualquer outra coisa que não seja sua atual forma unificada. Claro, o interessante é que entre os Manuscritos do Mar Morto temos um manuscrito de todo o livro de Isaías do século II aC, que testemunha sua unidade. Isso é bem antigo. A Septuaginta também não os separa, que veio de 250-200 aC Então, algumas evidências manuscritas muito antigas apóiam a unidade.

Em segundo lugar, e acho que o mais importante, é que você tem o testemunho do Novo Testamento da autoria de Isaías. Isaías é citado cerca de 21 vezes no Novo Testamento. Essas citações são tiradas de ambas as partes do livro dos capítulos 1, 6, 8, 9, 10, 11, 29, 40, 42, 53, 61 e 65. Observe particularmente João 12:38-40 onde você lê “Este era para cumprir a palavra do profeta Isaías. 'Senhor, quem acreditou em nossa mensagem e a quem foi revelado o braço do Senhor?’” Isso é de Isaías 53:1, essa é a segunda parte do livro. “Por esta razão, eles não podiam acreditar porque, como Isaías disse em outro lugar: 'Ele cegou seus olhos e amorteceu seus corações, para que não pudessem ver com seus olhos, nem entender com seus corações, ou então eu os curaria.’” Isso é de Isaías 6. :10. Então, nessa citação você tem uma citação da segunda parte do livro e uma citação da primeira parte do livro. Diz-se que ambos são do profeta Isaías. No v. 41, João acrescenta que Isaías disse isso “porque ele viu a glória de Jesus e falou sobre ele”. Em Lucas 4:17 você lê que o livro do profeta Isaías foi dado a Jesus e que ele leu a partir do capítulo 61 e que é citado ali. Isso está na segunda parte do livro. Em Atos 8:30, o eunuco etíope estava lendo Isaías, o profeta, e o que ele está lendo é o capítulo 53. Esses são vários exemplos desse tipo de citação do Novo Testamento que claramente atribui o material da segunda parte do livro a Isaías, o profeta.

e) Longman e Dillard, Introdução ao AT Agora , acabei de distribuir para a classe um folheto de uma única página das páginas 274-275 da *Introdução ao Antigo Testamento* de Ray Dillard e Tremper Longman, que é uma introdução bastante recente ao Antigo Testamento de dois estudiosos evangélicos muito competentes . Eu quero examinar isso com você por causa do que eles fazem com essa pergunta. Mais ou menos no meio do

primeiro parágrafo da página inicial 274, Longman e Dillard dizem: “Em alguns aspectos, o debate sobre a unidade de Isaías completou um círculo, com uma diferença crucial:” (isso é o que foi aludido anteriormente) “em vez disso, do que uma unidade resultante da mão de um único autor, o livro é agora amplamente visto como uma unidade redacional. Em vez de ver Isaías 40-66 como uma obra independente acidentalmente anexada à obra do profeta do século VIII, alguns estudiosos agora argumentam que Isaías 40-66 nunca existiu além da primeira metade do livro e que foi composto (através do que ainda poderia ser um processo redacional complexo) à luz do material anterior. Então você olha para a literatura hoje, muitas vezes você tem referências a um livro, mas não referências a um autor. Há múltiplas autorias e um processo às vezes altamente complexo do livro chegando à forma atual em que o encontramos. Portanto, há uma unidade no livro, mas não uma unidade de autoria.

A próxima seção de Dillard e Longman aqui é chamada “Uma avaliação” e é onde eles avaliam o estado atual da situação e do problema: “Em muitos aspectos, o pensamento crítico contemporâneo sobre Isaías se recuperou dos excessos que caracterizaram a erudição no final do século XVIII até o início séculos XIX. O consenso entre os estudiosos críticos se moveu na direção de reconhecer muito do que era caro aos conservadores: que Isaías não é o resultado de um acidente fortuito e internamente contraditório, mas sim que o livro é um todo que mostra uma unidade de coisas e motivos, ”- era disso que Margalioth estava falando. Esses temas e a linguagem nas duas partes do livro são consistentes. “O teor de grande parte do debate mudou do foco na dissecação do texto para recuperar fontes e configurações, para esforços para expor a coerência e a unidade do texto como ele existe.”

Isso reflete uma mudança do tipo de análise diacrônica para sincrônica do texto em sua forma final. Agora, o foco nos últimos 20 anos ou mais é que eles olham para a forma final do texto, e não tanto em como chegou a essa forma final. Em vez disso, eles olham sincronicamente para o que mantém o texto unido. Os argumentos dos conservadores para a unidade de autoria com base em temas e vocabulário comuns foram agora em grande parte adotados e colocados a serviço de argumentos que não provam sua

unidade, mas uma unidade redacional no livro. Quero voltar a isso mais tarde com o outro folheto, mas vamos mais longe.

“Certamente, o pensamento crítico e conservador permanece dividido na questão da autoria. Embora haja um consenso crescente sobre a unidade geral de Isaías, para os estudiosos críticos, é uma unidade forjada por meio de uma história de redação, em vez de uma unidade que deriva de um único autor individual. Nos próximos dois parágrafos ele discute a visão conservadora e depois a visão crítica. Ele diz que o pensamento conservador está ancorado em sua convicção teológica de duas coisas. Primeiro, sobre a realidade da revelação profética de que o espírito de Deus deu aos escritores antigos uma visão do futuro. Em segundo lugar, sobre a integridade e a confiabilidade da Escritura como um todo, isto é, declarações e inscrições e citações do Novo Testamento requerem aceitação.

1) Deus e a Predição do Futuro A polêmica constante de Isaías 40-66 é que Isaías anuncia o futuro e Deus é capaz de fazê-lo acontecer. Em outras palavras, essa referência a Ciro não é apenas um tipo de referência isolada a algum governante futuro, mas integrada a um argumento sustentado que percorre todo o livro, de que Deus é capaz de prever o futuro. Um exemplo é o tema servo do Messias que virá. É outra previsão de longo prazo que é sustentada pela sequência do servo que é mais notável, alguns podem dizer, do que a previsão de Cyrus. “Já em Isaías 1-39, o Exílio e a restauração são antecipados em passagens quase universalmente consideradas geralmente isaianicas. Em seu chamado, o profeta antecipa o dia em que Jerusalém seria destruída e despovoada e nomeia um filho à luz da restauração antecipada ('Shear-jashub' significa 'um remanescente retornará'). O uso generalizado pelo profeta do motivo remanescente em Isaías 1-39 antecipa a ameaça que virá da Babilônia. O profeta deixou claro que seu próprio entendimento desse aspecto de sua profecia não estava relacionado ao imediato, mas ao futuro distante.” Então ele diz essas coisas sobre a visão conservadora.

“A opinião crítica está ancorada principalmente no fato de que Isaías 40-66 presume um cenário histórico diferente daquele de Isaías em Jerusalém no século VIII.”

Esse é o terceiro argumento sobre o qual falamos sob o título “Antecedentes históricos”. Agora ele diz que ambas as posições precisam ser examinadas e é isso que ele faz na página 275: “Por um lado, se alguém aceita a realidade de um Deus soberano e inspiração profética, ele não pode dizer: 'Deus não poderia ter se revelado a Isaías dessa maneira. .' Essa confiança ingênua na crítica histórica é tanto uma declaração teológica quanto a insistência de que ele o fez.

2) Comparação com Deut. 34 No entanto, por outro lado, quando estudiosos críticos concluem a partir do cenário de Isaías 40-66 que o autor desses capítulos viveu bastante tarde no exílio babilônico, este não é, em princípio, um argumento diferente” (este é o cerne da a posição que segue neste livro não é, em princípio, um argumento diferente) “daquela que os conservadores estão dispostos a fazer, por exemplo, sobre Deuteronomio 34”. Deuteronomio 34 é uma passagem sobre a morte de Moisés. Veja por que ele argumentou: “O que quer que se conclua sobre a relação histórica entre Moisés e Deuteronomio, é claro que Moisés não escreveu o relato de sua própria morte (Deuteronomio 34:1-8); a pessoa que escreveu esta seção final deste livro viveu em uma época em que vários profetas surgiram e desapareceram, mas nenhum como Moisés. Isso quer dizer que o cenário presumido por este capítulo (um tempo após a morte de Moisés) impede que Moisés o tenha escrito. Embora o Novo Testamento cite Deuteronomio e o atribua a Moisés, ninguém argumentaria seriamente que isso incluía Deuteronomio 34. Reconhecer que o cenário de Deuteronomio 34 requer um autor que viveu depois de Moisés, o autor tradicionalmente atribuído ao livro, não é materialmente diferente de reconhecer que o pano de fundo de Isaías 40-66 presume um autor que viveu durante o exílio”. Agora você vê a maneira como o argumento é feito. Deuteronomio é geralmente atribuído a Moisés, mas é muito claro por causa do contexto histórico que Moisés não escreveu o capítulo 34. O livro de Isaías é geralmente atribuído a Isaías, mas por causa do contexto histórico dos capítulos 40-66, não é necessariamente o caso que Isaías deve ter os escreveu. O argumento deles é que há uma analogia entre Deuteronomio 34 e Isaías 40-66.

### 3) Contra Deut. 34 Comparação

Parece-me que essa analogia é questionável. Não estou pronto para admitir que a autoria de Isaías 40-66 seja provada como alguém que não seja Isaías com base nesse argumento. Vou apenas fazer alguns pontos. Deuteronômio 34 tem doze versículos. É um material histórico. Isso realmente dá a conclusão do livro no sentido de que o que está levando até 34 é essa transição de liderança entre Moisés e Josué - essa transição com Moisés e Josué realmente afeta a morte de Moisés. Se você mudar para Josué, Josué substituiu Moisés como líder de Israel. Parece-me que há uma diferença quantitativa e qualitativa entre Deuteronômio 34 e Isaías 40-66. Como eu disse, Deuteronômio tem doze versículos e uma narrativa histórica. Isaías 40-66 são 27 capítulos de um discurso profético extremamente significativo e importante. Dillard e Longman dizem que o Novo Testamento cita Deuteronômio e o atribui a Moisés. Sim, mas não cita nada do capítulo 34 e atribui a Moisés. Em outras palavras, é uma grande diferença. Quando olhamos em João 12:38-40 onde a segunda parte do livro é citada e é atribuída a Isaías, não há nada comparável ao de Deuteronômio. Temos referências que atribuem o Deuteronômio a Moisés que são importantes porque hoje o Deuteronômio também é questionado, mas não há nada do capítulo 34 citado no Novo Testamento. Portanto, não tenho tanta certeza de que essa analogia seja realmente adequada para provar a possibilidade de que Isaías 40-66 não seja do profeta Isaías.

4) Longman/Dillard – Isaías não mencionado em Isa. 40-66 Observe o que eles dizem mais adiante: “Isaías não é mencionado na segunda metade do livro. No entanto, a realidade da inspiração profética não é assim eliminada: um autor que viveu mais tarde no exílio previu por inspiração divina o que Deus estava prestes a fazer por meio de Ciro, assim como Isaías viu o que Deus faria em breve com Tiglate-Pileser III. Este último autor viu as profecias de Isaías sobre o exílio e os eventos remanescentes que estavam ocorrendo em seus dias, e ele escreveu para desenvolver e aplicar a pregação de Isaías a seus companheiros exilados. Embora o anonimato desse grande profeta seja um

problema, não é mais incomum do que o anonimato dos livros históricos ou do livro de Hebreus. Eu diria que o anonimato disso é um problema e principalmente porque, ao contrário dos livros históricos, você não tem um versículo como Isaías 1:1. Isaías 1:1 apresenta o livro, “A visão que teve Isaías, filho de Amoz.” Esse título parece ser o título de todo o livro atribuído a Isaías. Não temos nenhum registro assim nos livros históricos. Portanto, o último parágrafo diz: “Não deve ser feito um *shibboleth teológico* ou teste de ortodoxia. Em alguns aspectos, os resultados finais do debate são um tanto discutíveis, seja escrito por Isaías no século VIII ou por outros que aplicaram suas percepções escritas em uma época posterior, Isaías 40-66, claramente foi direcionado em grande medida às necessidades da comunidade do exílio. .”

5) Resposta de Richard Schultz sobre Isaías      Esse outro folheto que eu dei a você é um artigo retirado do livro *Evangélicos e Escrituras* publicado em 2004, e o artigo que eu dei a você lá é de Richard Schultz intitulado, “Quantos Isaías havia e o que isso importa? Inspiração profética em estudos evangélicos recentes.” Acho que este é um bom artigo. Deixe-me apenas chamar sua atenção para algumas páginas. Observe o que ele diz na página 158, no final da página, onde fala sobre estudiosos evangélicos abertos a acréscimos e revisões no texto bíblico. Ele diz: “Então, mantendo sua visão evangélica das Escrituras, eles simplesmente ampliam a doutrina da inspiração para cobrir o que acabaram de propor”. Em outras palavras, o que ele está dizendo é que muitos estudiosos evangélicos adotam as metodologias de muitos dos estudiosos críticos, mas ampliam sua visão de inspiração para dizer que todos esses editores e edições posteriores também são assumidos sob uma doutrina de inspiração. “Pergunta-se, no entanto, se toda e qualquer teoria histórico-crítica da origem da literatura bíblica pode ser evangelicamente aceitável, desde que se afirme a 'participação substancial' do autor tradicional no processo.”

Ele continua dizendo: “Eu continuo não convencido de que a honestidade intelectual e a evidência textual exigem que o evangélico reconheça o que a maioria dos estudiosos do Antigo Testamento hoje afirma sobre a complexa história da composição do livro de Isaías”.

Na página 161, no meio da página, ele diz: “A questão é se podemos postular legitimamente uma série de autores ou editores inspirados quando o envolvimento de vários profetas *não é* reconhecido no texto e quando uma das razões para postular tal um processo de composição complexo é a alegação de que o Espírito de Deus *não poderia* (ou pelo menos provavelmente não *o fez*) revelar a diversidade de conteúdos identificados no livro de Isaías a apenas um indivíduo.” Boa pergunta.

Vá para a página 162, segundo parágrafo, “Childs [de Yale] acusa os conservadores de transformar Isaías em 'um vidente do futuro’”, nesse estilo conservador particular. E no parágrafo seguinte, Schultz diz: “A referência problemática a Ciro é provavelmente a principal razão pela qual muitos estudiosos evangélicos abandonaram, ou pelo menos estão questionando, a interpretação de um único autor. No entanto, em Isaías 41-42, a apresentação de Ciro é justaposta à do servo, ambos os retratos usados em expressões semelhantes. Se Ciro já está em cena, o servo também deve ser contemporâneo do profeta segundo Isaías? Desça algumas linhas: “No entanto, se era possível para um profeta falar naquela época da vinda do libertador espiritual, Jesus, sete séculos no futuro, é problemático conceber Isaías de Jerusalém falando de Ciro, seu precursor político, apenas dois séculos no futuro?”

6) Resposta de Vannoy a Longman/Dillard      Agora vá para a última página, segundo parágrafo, página 170, onde estamos retornando à nossa pergunta inicial: “Quantos Isaías estavam lá e o que isso importa.” “Dillard e Longman afirmam que 'em alguns aspectos, os resultados finais do debate são um tanto discutíveis'. Pelo contrário, procurei demonstrar que há consequências significativas na adoção de conclusões histórico-críticas sobre a natureza da inspiração profética, profecia preditiva, coerência retórica e desenvolvimento teológico nos livros proféticos - consequências que são ignoradas, minimizadas ou negadas no literatura evangélica recente (e não evangélica) que pesquisamos”. Portanto, este é um debate que está em curso. Você pode estar interessado em ler mais sobre isso, mas não estamos lendo todo o artigo; Acabei de destacar algumas coisas.

2. Daniel – Há um consenso geral entre os principais estudiosos críticos de que o livro de ficção de Daniel

Número 2., “Há um consenso geral entre os principais estudiosos críticos de que o livro de Daniel é fictício.” Eles postulam que foi escrito quando Israel estava sofrendo sob Antíoco Epifânio pouco antes de 165 aC O livro em si, entretanto, representa Daniel como o doador desta profecia antes e logo após a captura da Babilônia por Ciro em 539. Portanto, há a questão. A quem devemos atribuir as profecias do livro de Daniel - ao próprio Daniel por volta de 539 aC, ou a alguma figura anônima que viveu no período macabeu durante o segundo século aC, por volta de 165 aC

Há três razões principais para a longa conclusão dos principais estudiosos críticos, eu acho. Uma é o que chamo de questão subjacente fundamental; é a suposição amplamente difundida de que geralmente a profecia preditiva não acontece. Em segundo lugar, afirma-se que os supostos erros históricos no livro refletem sua origem muito depois dos eventos descritos quando quem o escreveu não sabia ou havia esquecido o que realmente aconteceu historicamente. Em terceiro lugar estão os supostos indicadores linguísticos tardios.

a. “A profecia preditiva não acontece.”

Então, vamos olhar para esses três argumentos. Suposição A. que “a profecia preditiva não acontece”. Essa é essencialmente uma questão de cosmovisão filosófica. Se o universo é um continuum fechado de relacionamentos de causa e efeito no qual não há espaço para intervenção divina, então é claro que você não tem revelação divina. Seria impossível para Daniel narrar eventos que ocorreram muito depois do tempo a que atribuímos. Se você concluir que esse tipo de predição genuína não acontece e não pode acontecer, isso imediatamente levanta uma questão bastante significativa por causa de sua proeminência no livro de Daniel.

1) Daniel 2 e 7 e teorias críticas Por exemplo, Daniel no capítulo 2 e no capítulo 7 é

uma sequência de impérios? Em Daniel 2 você tem aquela visão da imagem com cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze e pernas e pés de ferro, que representava a sucessão de quatro impérios que chegariam ao poder no Oriente Próximo. Essa mesma sucessão de impérios é encontrada em Daniel 7, mas retratada com quatro tipos diferentes de animais. Agora, em vez de uma cabeça de ouro, peito e braços, barriga, coxas e pés, no capítulo 7 você tem um leão, um urso, um leopardo e alguma besta terrível sem nome. A interpretação tradicional do simbolismo desses animais, assim como as partes da imagem são a cabeça de ouro na imagem, é o reino babilônico. O peito e os braços é o reino medo-persa. A barriga e as coxas são o reino grego, Alexandre o Grande e seus sucessores. As pernas e os pés são do reino romano. Agora, essa sequência não se encaixa na abordagem crítica dominante porque o Império Romano não surgiu historicamente até depois da época de Antíoco Epifânio, que fazia parte do período grego. Isso, por sua vez, significa que os principais estudiosos críticos que datam o livro na época de Antíoco Epifânio precisam encontrar uma sucessão de impérios que existiam antes da época em que o livro foi supostamente escrito ou você está de volta à previsão. Se você tem o reino romano, ele ainda não existia nem mesmo na época de Antíoco.

Assim, a proposta que os estudiosos críticos geralmente aceitam a cabeça de ouro é o reino babilônico. O peito e os braços são um reino mediano apócrifo - digo "apócrifo" porque não havia reino mediano em existência independente entre os impérios babilônico e persa. A mÍdia tornou-se parte da Pérsia antes que os persas conquistassem a Babilônia, então os estudiosos críticos que obtêm uma sequência de quatro reinos precisam criar esse reino mediano entre o babilônico e o persa quando é historicamente impreciso. Mas então a barriga e as coxas devem ser persas e depois as pernas e os pés seriam os gregos para que concluíssem no tempo em que supostamente foi escrito.

Se, então, as profecias de Daniel descrevem essa sucessão particular de reinos, elas são historicamente errôneas. Para os estudiosos críticos, isso não é problema, pois eles simplesmente afirmam que o escritor dessas profecias viveu séculos depois, durante o período dos Macabeus. Ele pode ter ficado simplesmente confuso sobre o curso anterior da história e erroneamente pensado que havia uma existência independente para os medos

entre os períodos persa e babilônico. A conclusão é: “Sabemos melhor do que Daniel, o autor, quem quer que seja, que simplesmente se enganou sobre essa sequência de reinos”.

2) Resposta às Acusações da Teoria Crítica de Erros Históricos em Dan. 2 e 7      Então você tem essa suposição de que a profecia genuinamente preditiva não acontece. Esses erros históricos, como acabamos de observar, um dos principais supostos erros históricos é a existência desse reino apócrifo da Média, mas seus outros erros incluem - vou mencionar três aqui, nenhum dos quais é muito significativo: a referência a Belsazar em vez de Nabonido na época em que os babilônios caíram para os persas (Daniel 5:30-31) é considerado um erro histórico. “Naquela mesma noite, Belsazar, rei dos babilônios, foi morto e Dario, o medo, assumiu o reino aos 62 anos de idade.” Voltaremos a isso em um minuto, mas sempre se argumentou que Belsazar não era o governante, era Nabonido.

Em segundo lugar, uma pessoa chamada Dario, o Medo, nunca existiu no contexto histórico em que é colocada em Daniel. Esse mesmo versículo fala de Dario, o Medo, assumindo o controle do reino. Em terceiro lugar, os registros de Nabucodonosor como o pai de Belsazar em Daniel 5:2 e 22 seriam simplesmente imprecisos porque Belsazar seria o neto em vez de um filho. Há respostas razoáveis para todas essas alegações.

a) Nabonidas e Belsazar      Primeiro, fontes históricas babilônicas mostram que Nabonido nomeou seu filho Belsazar co-regente enquanto ele deixou a Babilônia para a Assíria e o norte da Arábia. Daniel 5:29 diz que eles governaram como um. É bem possível que Nabonido não estivesse por perto naquela noite e seu co-regente Belsazar estivesse no comando naquele momento de transição do domínio babilônico para o domínio persa.

b) Quem é Dario, o Medo      Segundo, embora seja verdade que Dario, o Medo, não é mencionado fora da Bíblia e que não há intervalo entre Belsazar e Nabonido na sucessão de Ciro da Pérsia—foi Ciro quem assumiu o reino da Babilônia— isso não significa

necessariamente que Daniel está errado. Várias sugestões razoáveis foram feitas para tentar identificar Dario, o Medo. É possível que este seja outro nome para o próprio Ciro, talvez um nome de trono. Em 1 Crônicas 5:26 você tem a referência ao rei Tiglate-Pileser como Pul. Ciro também era conhecido como Dario, o Medo? É possível. Alguns olham para 6:28, onde diz: “Daniel prosperou durante o reinado de Dario e o reinado de Ciro, o persa”. Para que Darius e Cyrus sejam iguais. É possível. Outros sugeriram que foi outra pessoa chamada Gubaru, que é um nome que ocorre nos textos babilônicos que Ciro nomeou como governador da Babilônia. Seu nome era Gubaru, também conhecido como Darius. Veja bem, embora seja verdade que não temos evidências suficientes para resolver a identidade de Dario, o medo - e não temos -, não acho que seja razão para concluir que o livro foi escrito no período dos Macabeus ou que o livro é necessariamente errado na referência histórica.

c) Nabucodonosor como Pai ou Avô? Terceiro, a referência a Nabucodonosor como pai em vez de avô é um uso semítico comum. É surpreendente que isso seja usado como argumento. É simplesmente que ele era ancestral e que Belsazar era um descendente. Se você olhar as páginas 17 e 18 em sua citação DR Davies, que não é evangélico, em seu Guia do Antigo Testamento para Daniel diz: “Comentários críticos, especialmente por volta da virada do século, enfatizaram o fato de que Belsazar não era filho de Nabucodonosor nem rei da Babilônia. Isso ainda é repetido às vezes como uma acusação contra a historicidade de Daniel e resistido por estudiosos conservadores. Mas ficou claro desde 1924 que, embora Nabonido fosse o último rei da dinastia neobabilônica, Belsazar estava efetivamente governando a Babilônia. A este respeito, então, Daniel está correto. O significado literal de 'filho' não deve ser pressionado; mesmo que possa trair um mal-entendido por parte de Daniel, um forte argumento contra a confiabilidade histórica de Daniel não é reforçado pela inclusão de argumentos fracos como este.” Portanto, esses são os tipos de erros históricos alegados que mostram a alguns que Daniel não foi o autor . Vamos fazer uma pausa neste ponto.

Transcrição por: Ben Hale  
Edição aproximada por Ted Hildebrandt  
Edição final por Katie Ells  
Re-narrado por Ted Hildebrandt